



O GENTIO

JORNAL LITTERARIO E SCIENTIFICO.

EXTERNATO DO COLLEGIO DE PEDRO II.

O GENTIO.



SCRAVIZADO ás tendencias as mais perigosas, victima das extravagancias de cada idade, o espirito humano percorreu uma immensa escala de seculos sem que visse realisado o sonho o mais bello da intelligencia, o auxiliar o mais eloquente da razão!

A antiguidade tinha sido testemunha dos mais brilhantes acontecimentos; as maximas as mais purificadas tinham sido sementeas no cume das montanhas da Asia; o arauto dos povos, a trombeta da verdade, a historia, reclamava a condição essencial de sua existencia — a immortalidade; as tradições, atravessando os desertos inhabitados, perdiam-se em regiões testadas, quaes as da Africa.

O heroismo de todos os tempos, as reliquias as mais celebradas de cada povo, ao chegar ao termo marcado, protestavam contra esse esquecimento que o futuro, fidalgo inimigo do passado, lhes impunha com a magestade e brilho, que orna-lhe a fronte, em quanto não passa pela mesma expiação.

Tal era a condição mesquinha da humanidade! Não podia volver atrás os olhos para contemplar os monumentos deixados por seus maiores; a nuvem das idades interceptava os vestigios, que marcavam a existencia de gerações que já não eram; apenas um ou outro facto, cunhado pela divindade, tendo recebido a sanção de cada consciencia, ousava erguer a sua fronte e arremessava-se na noite dos tempos; e quando mesmo

vingava escapar dessa luta incetada com as trévas, chegado a porta do presente, era-lhe mister disputar a entrada para o seio da luz!

Mas as peripecias as mais singulares ensaiavam o desabrochar dessa arvore, que houvêra de reunir em derredor de seu tronco todos os povos; arvore immensa cujos galhos abarcariam o passado e o presente e houveram de conduzir a pontos equidistantes os mais intraduziveis sons, os idiomas os mais embaraçados, os dialectos os mais desconhecidos!

Tal é a imprensa!

No meio dos furacões que assignalavam a passagem do seculo XV surge o pensamento mais grandioso, que pôde germinar a intelligencia de mãos dadas com a razão,—a imprensa—o sol da philosophia divina, o écho da fraternidade, a bulla da igualdade humana.

Sujeita a todos os vaivens, subordinada aos caprichos de qualquer, a palavra, esse facto immenso da humanidade, não encarava a luz sem que a maledicencia não a corrompesse; ella soffria a cada passo as leis de sua falibilidade: em vez de robustecel-a, as brumas de uma nova aurora vinham desmaia-la e privar-a da côr natural: a imprensa immortalizou-a!

O apparecimento pois de um jornal é uma flôr que se deposita na borda do tumulto de um genio; é o tributo que cada geração rende a memoria de um homem immortal, porque Gutemberg jámais deixará de viver entre os homens, tendo deixado a terra.

A intelligencia ergue-se por toda a parte para denunciar a geração, que não soube honrar o homem, que traduziu o pensamento de Deos — a unidade do espirito humano. Ligadas pela im-



prêsa, todas as gerações se dão as mãos; o homem de hoje percorre um passado imaginavel e vai ao centro dos mais remotos paizes conversar com o ente que elle traçou na sua memoria.

O Reparador da culpa alçando a bandeira do christianismo, a Grecia no seu esplendor, Roma na sua decadencia, aqui se acham presentes: nós todos assistimos a esses acontecimentos: tal o poder da imprensa!

A publicação do *Gentio*, é portanto um convite á mocidade para que não afrouxe no *desideratum* da missão que lhe está confiada; é o acordar da razão, até agora eclipsada pelos preconceitos de uma época digna de melhor sorte.

Não é mister declarar, á vista do que temos dito, que as columnas deste periodico são exclusivamente destinadas ás lides da sciencia e da litteratura: tal é o seu programma, que será justificado para o futuro.

J. C. de Carvalho.

Erros da humanidade.

I.

A PENA DE MORTE.

Perdoai, leitores si vou tocar as dores de vossa coração, excitar vossa sensibilidade retocando a chaga que deve existir no peito de todo o homem amigo dos homens, ao volver as paginas da historia grudadas de sangue, quando ella nos atesta execuções; mas si firo vossa corda sensivel, é para fazer-vos ainda mais odiar essa barbara lei que não obstante todas as tentativas para derrubal-a tem sido inuteis, com tudo nos esforcaremos para mostrar o que é ella.

Vamos agora provar que tal lei é:

- 1.º Absurda.
- 2.º Barbara.
- 3.º Immoral e ridicula.
- 4.º Inutil.

Aceitos esses dados, provocamos a discussão de quem quer que seja, por meio desta.

Quanto ao primeiro quesito, direi que a pena de morte é absurda, por quanto nem propriamente é lei, porque esta é o castigo justo da propria lei: é injusta, por quanto sendo finito o crime e não podendo a pena ser mais do que o crime, comtudo ella é infinita; ora como pena que nem mesmo merece

esse nome, é absurda: logo a pena de morte é absurda.

Em segundo lugar é barbara, porque o povo não pôde presenciar sem horror o truncado corpo do paciente, nem ouvir sem tremer o grito de agonia que escapa de seus labios no ultimo frenezi da dôr; por tanto é escandalosa e corrompendo a sensibilidade a pena de morte é barbara.

Em terceiro lugar tal lei é immoral e ridicula: por quanto si a justiça errar, si no tumulto das paixões, si comprada pelo ouro, esse rei do seculo, ella pronunciar uma sentença injusta, como reparar seus desmandos? Como sanar o innocente injustamente condemnado? Depois que a afiada guilhotina tiver cortado a vida do desgraçado, como restituir a honra lesada por uma sentença ao putrido cadaver, ao martyr de uma pena injusta? Demais, a pena de morte funda-se na pena de Talião, estúpida e não applicavel na maior parte dos casos; ora figuremos que um homem deflora uma virgem: será possível que igual offensa se faça ao aggressor? Logo a pena de morte, propagando a venalidade, por isso que assegura a impunidade dos juizes contra o offendido, é immoral, e, além disso, ridicula.

E' finalmente a pena de morte inutil porque não castiga assaz; o paciente ou é innocente ou culpado: si innocente, é martyr, ainda que se reconheça a injustiça; si culpado, já estando perdido para a sociedade, prefere ás galés a morte pois não crê em Deos, em quanto está bem certo da dureza daquellas: logo a pena de morte é inutil, logo é absurda, barbara, immoral, ridicula e sem utilidade alguma. — A. Burnier.

(Continúa.)

• ar.

O celebre inglez Watts, querendo explicar o que era o ar, expressou-se assim: «o ar é aquella materia subtil que respiramos de continuo; aquelle corpo fluido e invisivel que circumda o nosso globo e no qual as aves vôam á pequena distancia da terra.»

Nós procuraremos dar aos leitores mais amplo conhecimento do que é o ar, suas propriedades e composição, pelas grandes vantagens que deste conhecimento podem tirar, e faremos quanto podermos, por nos accommodar á intelligencia da-

quelles para quem é particularmente escripto o *Gentio*.

O ar é um corpo fluido, transparente, pesado e elastico, que circumda por toda a parte o globo terrestre até a altura de 14 ou 15 leguas.

Tudo que não é espirito, é materia e tudo que se compõe de materia é corpo: por isso o ar é *corpo*, porque se compõe de materia, ainda que invisivel, mas que nós mui bem sentimos pelo tacto, principalmente quando faz vento.

O ar é *fluido* porque corre e enche promptamente o espaço ainda o menor possivel que a natureza deixe desoccupado: e porque se divide mui facilmente, como vemos a cada instante.

Que o ar é *transparente* provado está, pois que elle deixa passar livremente os raios da luz e através d'elle vemos todos os objectos até grande distancia. Diz-se tambem que elle não tem côr; mas nem esta qualidade nem a sua transparencia devem ser tomadas em sentido absoluto.* O ar atmosferico tem com effeito uma côr azulada que lhe é propria, côr que ordinariamente se attribue a essa abobada imaginaria, a que todos usam chamar *céo*, mas se conhece ser côr da massa do ar, porque esse azulado-se vai desvanecendo pouco a pouco á medida que nos elevamos na atmosphera, a ponto de que o *céo* vem a mostrar-se quasi negro ao observador collocado em uma alta montanha, ou em um balão aerostatico mui elevado. Tambem não é inteira a transparencia do ar porque ella intercepta mui sensivelmente os raios luminosos; o que é mui facil de conhecer pela facilidade com que nós encaramos o sol quando nasce e se vai esconder; o que não succede quando elle se acha mais elevado e proximo do *zenith*, porque então nossos olhos não podem soffrer seu brilho, e procede isto de que os raios do sol quando este está sobre o horisonte, para chegarem a nós tem de atravessar um espaço quatorze vezes maior do que quando o astro está no seu *zenith*, e por isso, tendo elles de penetrar atravez de uma muito maior massa de ar, nos chegam já muito fracos. E' por esta mesma razão que sentimos mais o calôr do sol, á proporção que elle se acha mais elevado, porque então está consideravelmente mais perto de nós, e nos dardeja seus raios mais a prumo.

A propriedade do ar ser *pesado* foi descoberta por Torricelli em 1644.

Outra das admiraveis propriedades do ar é a sua grande *elasticidade* ou facilidade de ser comprimido em um espaço muito menor do que aquelle que naturalmente occupa, e a tendencia para tornar a ganhar sua natural extensão, logo que pôde livrar-se da pressão artificial que o comprime. Tão grande é a força do ar que se tem visto columnas de marmore rebentarem por se lhes haver introduzido em seus póros algumas particulas de ar durante a estação chuvosa. Desta elasticidade trataremos mais minuciosamente para o futuro.

Havendo tratado das propriedades do ar, trataremos agora de sua composição.

Os antigos tiveram como um principio incontestavel, que o ar era um dos quatro elementos simples de que se compunham todos os corpos da natureza; porém no seculo passado sabios philosophos descobriram e provaram á força de estudos e experiencias que o ar é um corpo composto. Sabemos hoje exactamente que o ar se compõe pelo menos de dous gazes distinctos e de diversas propriedades: o oxygeno e o azoto: deste entram na composição do ar 79 partes, e d'aquelle 21.

O oxygeno é indispensavel á vida dos animaes e dos vegetaes e á combustão dos corpos: pelo contrario, o azoto é nocivo á respiração, ainda que não destruidor como o acido carbonico, e improprio á combustão, isto é, não deixa por si só arder corpo algum; mas apesar de ser o azoto contrario á vida, a sua combinação com o oxygeno no ar que respiramos é essencialmente necessaria.

J. R.

Academia.

Platão e seus discipulos costumavam reunir-se em um ameno lugar plantado de arvores, meia legua distante de Athenas: a este lugar chamou-se *Academia*, porque seu possuidor era Academo rico cidadão de Athenas.

Entre os generaes athenienses que concorreram para o augmento e aformoseamento da *Academia*, nota-se sobretudo Cimon, que a ornou de estatuas, fontes, passeios, etc., em attenção aos homens de letras e philosophos que ali se reuniam.

Entre os latinos, Cicero por allusão chamou de Academia a uma casa de campo que possuia perto de Pouzzoli: ahí elle compoz as suas *questões academicas*.

Deo-se então o nome de *Academias* ás diferentes reuniões de homens que se applicavam ás letras, ás sciencias e ás artes.

Quando Ptoloméo Soter se apoderou do Egypto, com o nome de *Museon* fundou a famosa Academia de Alexandria em que reuniam-se os mais celebres philosophos, a quem se deve a fundação da celebre bibliotheca queimada em 640 pelo feroz Omar. Esta Academia foi por muito tempo o centro de toda a instrucção: Roma não teve Academia, e os poetas e escriptores latinos formaram-se na escola dos Gregos.

O primeiro estabelecimento deste genero na idade media foi fundado por Carlos Magno, e essa Academia de que elle mesmo foi membro, obteve muita celebridade, pois foi alla que derramou pela Europa o gosto das letras.

Alfredo o Grande tambem fundou em Orford na Inglaterra uma Academia: pelos mesmos tempos tinham as cidades de Granada e Cordova, na Hespanha, as suas Academias que os Mouros, seus fundadores, apaixonados pela poesia, pela musica e pelas bellas letras, tornaram celebres.

J. Carlos Rodrigues.

A noite de S. Bartholomêu.

Entre as scenas sanguinolentas que a historia nos revela, uma ha que é marcada com o ferrete da traição e da mais barbara carnificina.

Essa scena, em que o cheiro vaporoso e embriagador do sangue, chegou a enfraquecer o cabeça da nação franceza, foi a *noite de S. Bartholomêu*, em que milhares de francezes, sepultados no doce sonno, incautos e confiados na palavra de seu rei, julgando-se livres de todo o perigo, foram barbaramente assassinados pelos aceclas dos *Guises*. As vespersas sicilianas, os saques dos barbaros nos tempos da idade media não nos dão uma perfeita idéa da noite que tentamos descrever.

Calvino, depois de fazer com que suas utopias fossem adoptadas por alguns, causou discenções no

interior da França, já tão fraca pelas longas guerras exteriores que tivera; então os francezes se dividiram em dois partidos, o Catholico, á cuja frente se achavam os *Guises*, e o Calvinista, á cuja testa se achavam os *Bourbons*.

Depois de pequenas hostilidades, a falsa italiana Catharina de Medicis, tinha tido a habilidade de atrahir a Pariz os tres principaes chefes dos protestantes, Henrique de Bearn, Condé e Coligny: contrahira tambem o casamento de sua filha Margarida de Valois com o Bearnez: muitos Calvinistas foram a Pariz para assistir os esponsaes do seu primeiro chefe.

Já milhares desses ahí se achavam, quando foi concebida por Henrique o Acutilado a terrivel idéa de acabar com os inimigos da liga: essa idéa cuidadosamente tratada por seus irmãos e consocios foi immediatamente referida a Catharina de Medicis que a acolheu com prazer. — *A. L. Gomensoro.*

(*Continúa.*)

Minha mãe!

Sob a lapide fria e denegrada
Que marca a transicção da vida á morte,
Vergada pelo sopro da impia sorte
Jaz minha pobre mãe muda e sem vida.

Pallido o rosto, a face contrahida
Revela ainda que soffrera o córte,
Revela ainda que da crua morte
Ella sentira féra dextra erguida.

Oh mãe! recebe de teu filho amante,
Triste endeixa que move essa amargura,
Recebe minha dôr muda e constante.

E o echo de meu peito sem ventura,
Echo triste que a dôr torna offegante,
Recebe como prova de ternura.

A. Burnier.

RIO DE JANEIRO.

Typ. — FLUMINENSE — de D. L. DOS SANTOS,

Rua dos Ciganos n. 23.